

DE CASCAVEL A LUIS EDUARDO

*** Roberto Rodrigues**

No último final de semana fui visitar alguns projetos agropecuários em Luis Eduardo Magalhães, no oeste da Bahia.

E lá tive mais um destes choques de brasilidade que nos enchem de garantia quanto ao formidável futuro de nosso país. A cidade, que até 10 anos atrás era uma vila chamada Mimoso do Oeste, tem hoje 52.000 habitantes e vive um período de grande crescimento.

A região toda abrange mais 6 municípios: Barreiras, Correntina, São Desidério, Jaborandi, Formosa do Rio Preto e Riachão das Neves. Juntas, nos últimos 8 anos estas localidades saltaram de 19 milhões de US\$ de produtos exportados para 239 milhões! Um aumento de 1150%.

No mesmo período, enquanto no Brasil a área plantada com algodão crescia 21%, em Luis Eduardo Magalhães cresceu 544%.

São 1,7 milhões de hectares que em pouco tempo, “descobertos” por brasileiros de outros estados e regiões que se somaram aos bravos baianos, foram incorporados ao sistema produtivo nacional, gerando milhares de empregos, excedentes exportáveis e formando cidades modernas, planejadas, com saneamento básico, ruas largas e espaço para crescer.

Naquela terra plana e arenosa com uma raquítica vegetação original, encontrei gaúchos que deixaram sua pequena propriedade de 80 hectares no sul e hoje produzem sementes da melhor qualidade em 8 mil hectares de roça irrigada com a última palavra em tecnologia.

Em 2006, último dado disponível, o PIB per capita em Luis Eduardo era de 37 mil reais/ano, enquanto em São Paulo era de 19 mil, na Bahia 7000, e no Brasil 12,7 mil.

Lembrei-me de outros tempos: em 1969, 40 anos atrás, fui pela primeira vez a Cascavel, ligada por estrada de terra a Foz do Iguaçu. Chovia muito, e a viagem de pouco mais de 100 km demorou 6 horas: em cada baixada, uma enclachada.

Estive lá há 15 dias: que cidade progressista e que povo vencedor! Das ruas de terra de 40 anos atrás para a civilizada metrópole de hoje, o que deu o empurrão para a mudança? Foi a agropecuária, foram as indústrias antes e depois das fazendas - o agronegócio.

Foi assim antes com Londrina e Maringá, também no Paraná. Foi assim em Chapecó e Concórdia, em Santa Catarina; em Passo Fundo e Ijuí, no Rio Grande - onde hoje floresce a notável Não me Toque. Foi assim em Uberaba e Uberlândia, em Minas Gerais, em Rio Verde e Quirinópolis de Goiás, em Dourados e Naviraí no Mato Grosso do Sul, em Rondonópolis e Juína, no Mato Grosso, está sendo assim no Tocantins, no Maranhão, no Piauí, em Rondônia, no Ceará, no Pará, em toda parte!

Uma agropecuária feita por pequenos, médios e grandes que se complementam com eficiência e competência, usando tecnologias de ponta, enfrentando a falta de infraestrutura e de crédito, a ausência de uma estratégia de Estado (não apenas uma política agrícola bem gerada pelo Ministério da

Agricultura), lutando contra um protecionismo recrudesciente nos países ricos, e com eles competindo sem medo.

São estes brasileiros heróicos, como os de Luis Eduardo, vindos de todo o país, - e Brasília nem sabe que existem - que constroem o verdadeiro Brasil, o Brasil que trabalha, sol a sol e noite adentro, sustentavelmente; o Brasil que já alimenta boa parte do mundo lá fora, e que alimentará todos os atletas das Olimpíadas de 2016, da Copa do Mundo de 2014, e de todos que virão para cá.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e Professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**